

AMADEU AMARAL

• • •

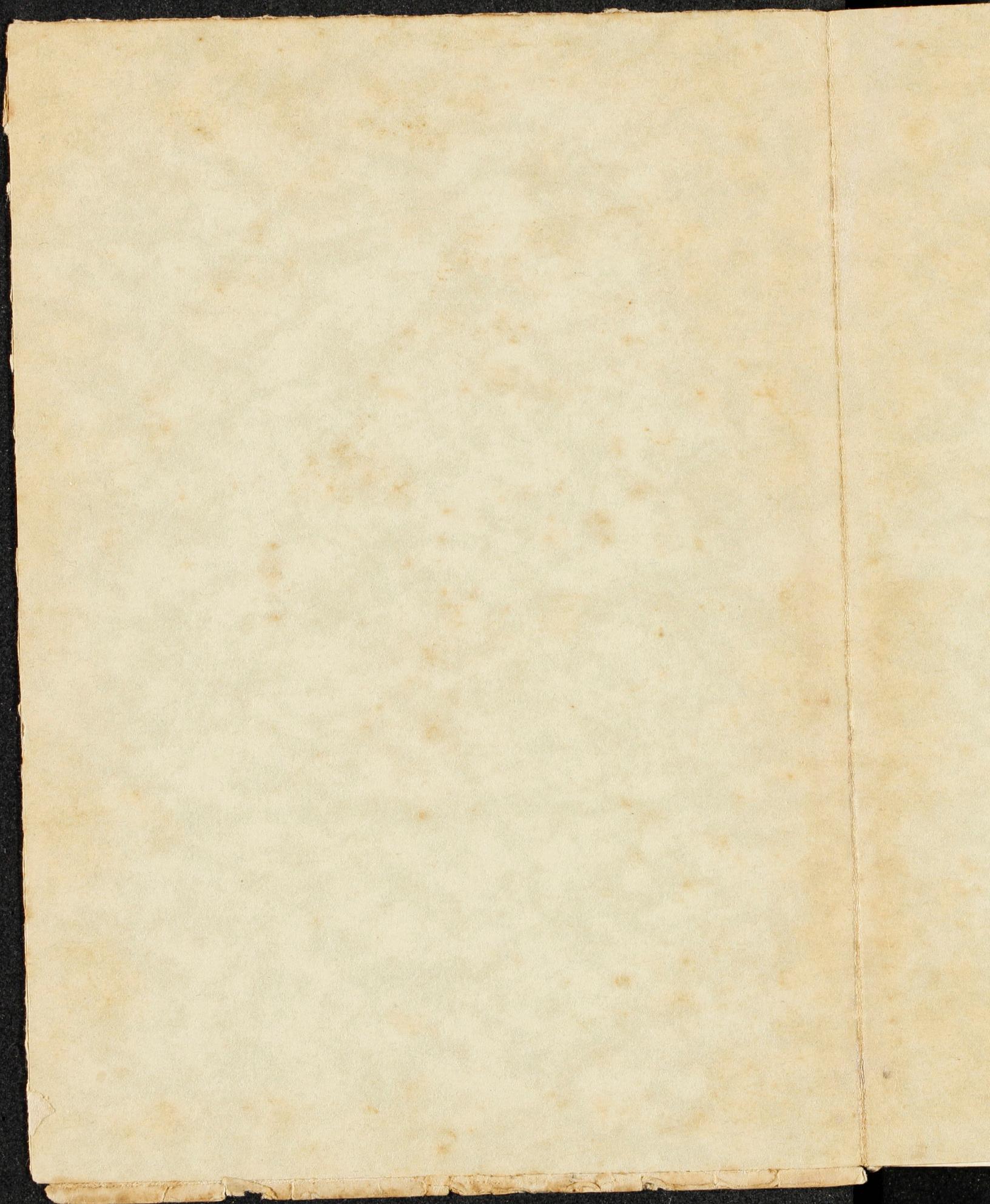
LÂMPADA ANTIGA

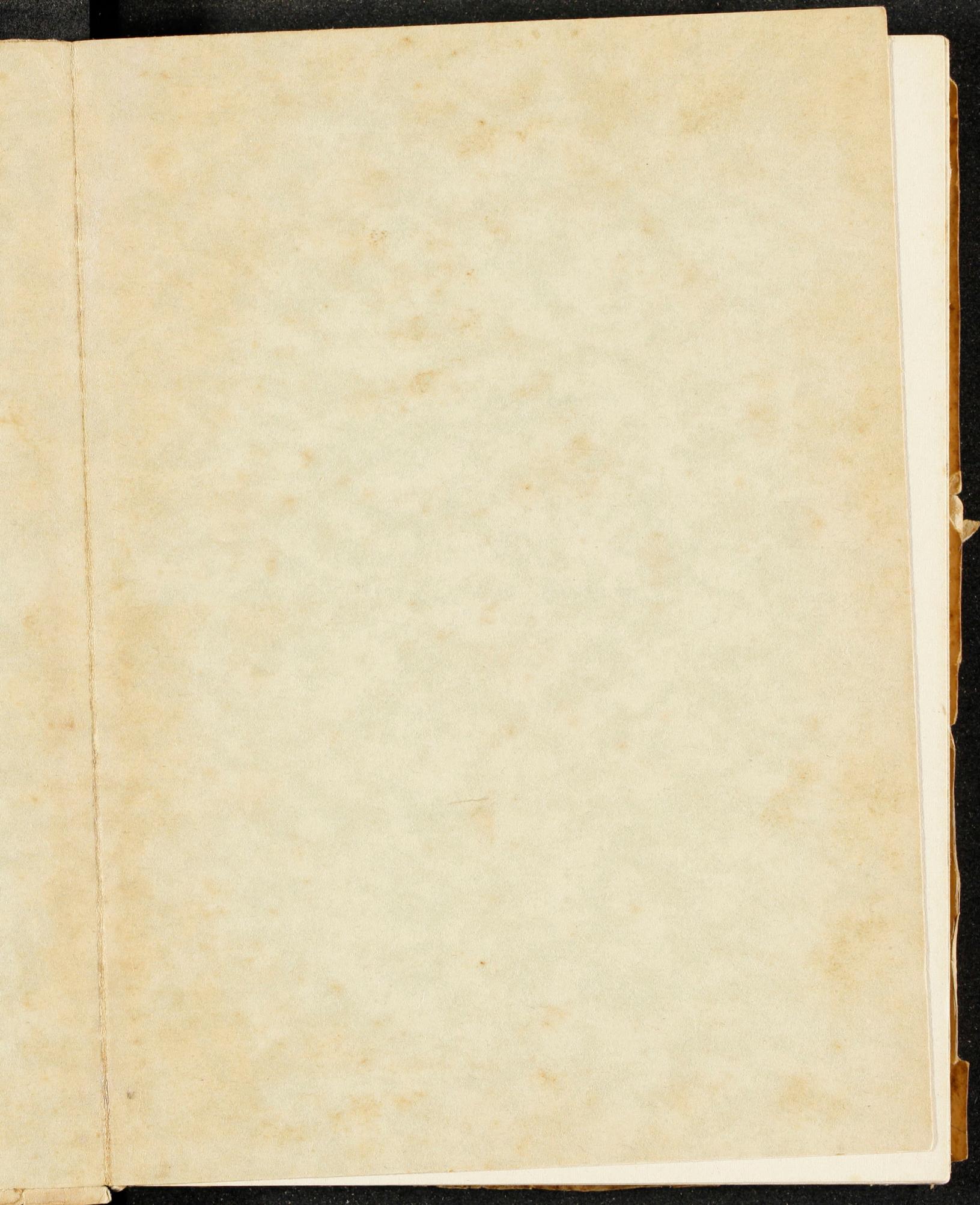
CARTA DE GUIA
DE MEUS FILHOS

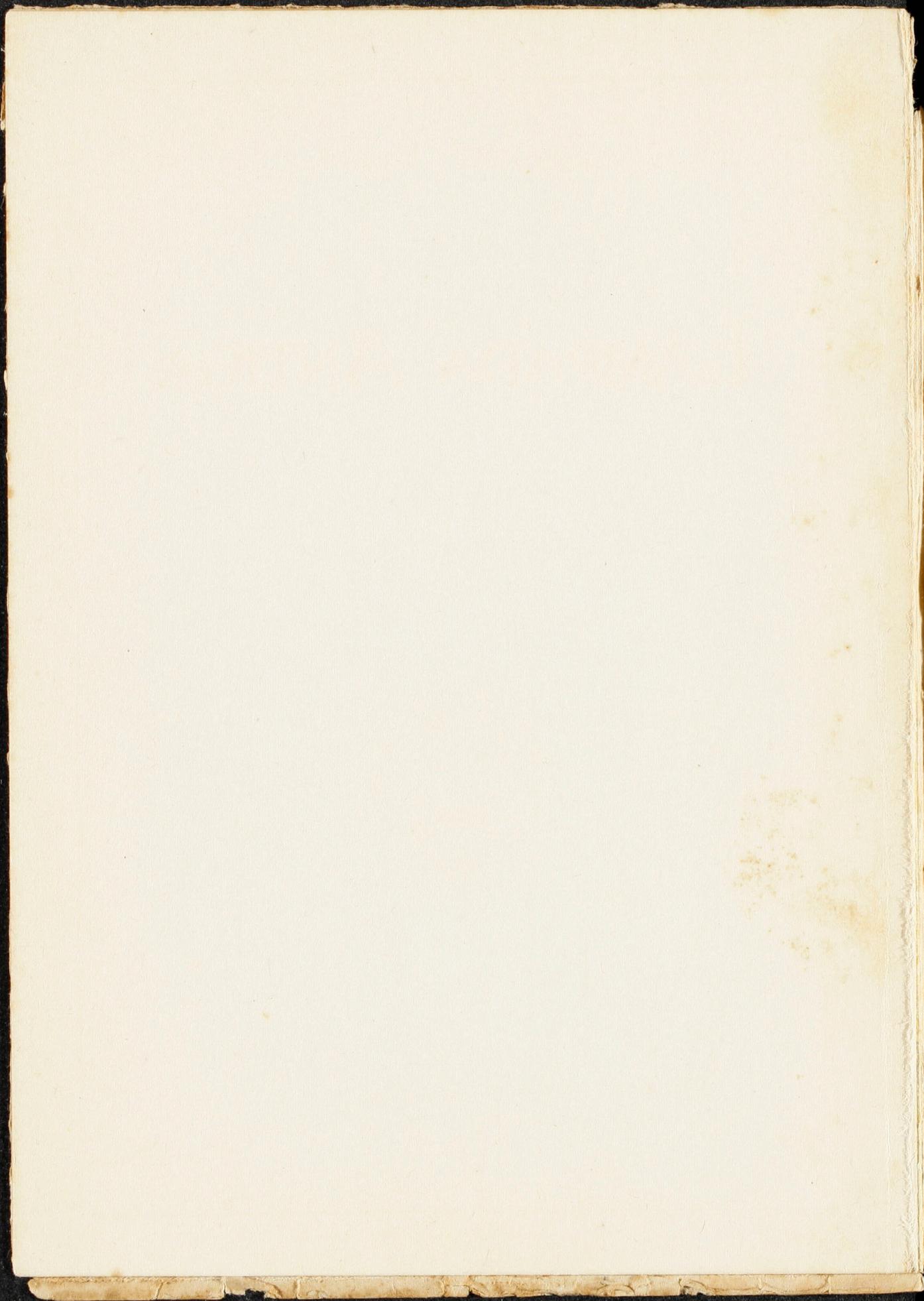
UM PUNHADO DE SONETOS.



IMPRESA METHODISTA
RUA LIBERDADE, 117
SÃO PAULO







AMADEU AMARAL

o o o

LÂMPADA ANTIGA

CARTA DE GUIA
DE MEUS FILHOS.

UM PUNHADO DE SONETOS.



1896
IMPRENSA METHODISTA
RUA LIBERDADE, 117
SÃO PAULO

MA
869.9149
A485L

INDICE

Prefácio	5
CARTA DE GUIA DE MEUS FILHOS	
I. — A LEI DO AMOR	
1. Meus filhos	9
2. Nossa família	11
3. Os amigos	13
4. Os indiferentes	15
5. O próximo	17
6. A Humanidade.	19
7. O Amor	21
II. — A LEI DA HUMILDADE	
8. Crime e Virtude	23
9. Inimigos inseparáveis	25
10. Maior a luz, maior a sombra	27
11. Bem e Mal	29
12. Humildes, isto é lúcidos	31
III. — A LEI DA PACIÊNCIA	
13. Paciência é força	33
14. A fonte oclusa	35
15. "Nec mergitur"	37
16. Corações comburentes	39
17. Bom inimigo, boa vingança	41
18. Palavras, nem sempre as leva o vento	43
19. Paciência é coragem	45
20. Paciência é desprezo	47

IV. — A LEI DO TRABALHO

21. O melhor do trabalho	49
22. O trabalho, vigia da alma	51
23. O trabalho, libertador	53

V. — A LEI DA ENERGIA

24. Sêde vós mesmos	55
25. Água empoçada, água ruim	57

VI. — A LEI DA ASCENÇÃO

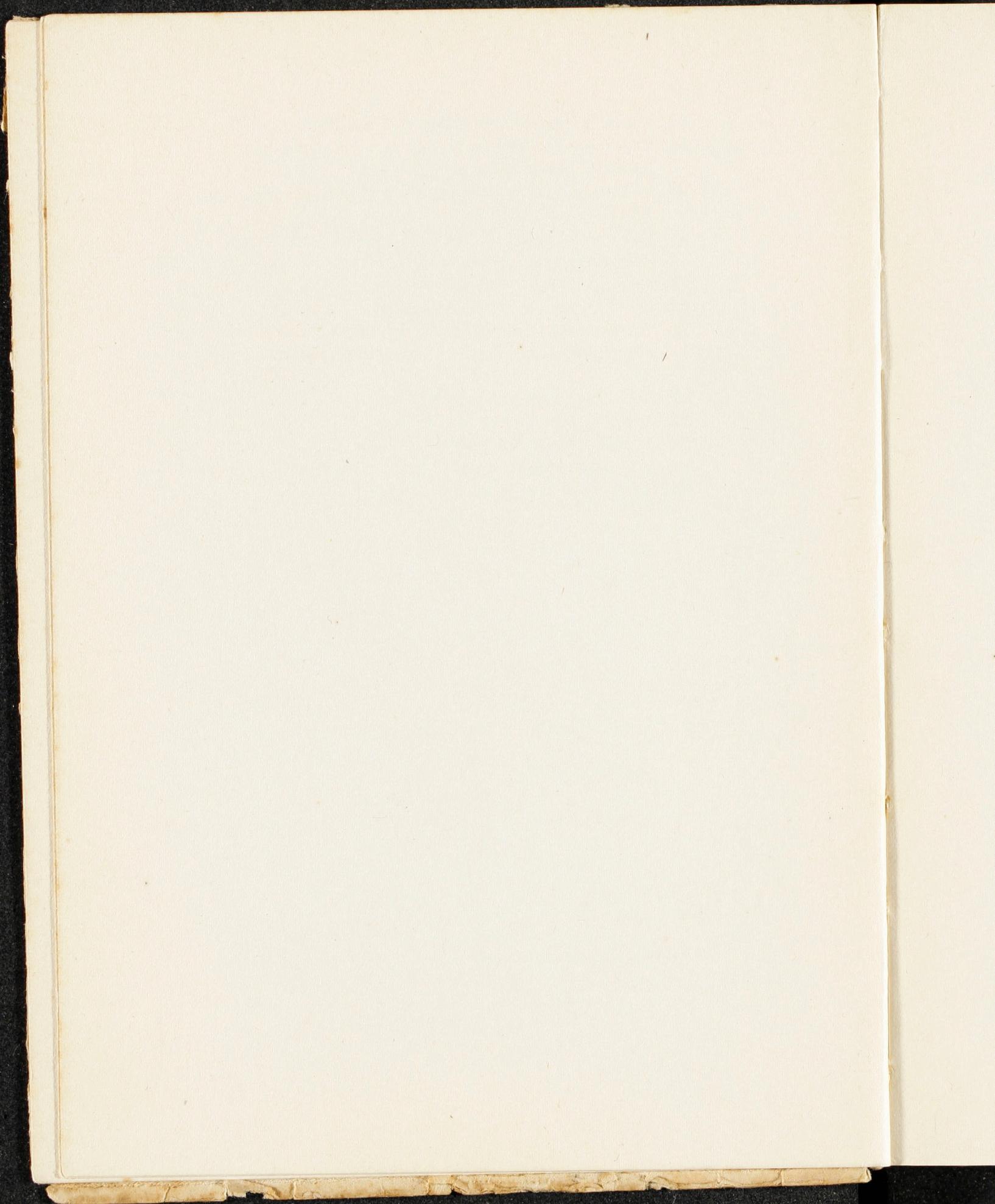
26. Lutar consigo	59
27. Integração.	61
28. Liberdade, até na dor	63
29. Serenidade	65

UM PUNHADO DE SONETOS

1. Considerando o Autor, com as asperezas do mundo, a inconstancia e indiferença dos homens	69
2. A um manancial de água pura	71
3. A alguns amigos que se esqueceram	73
4. A' lua	75
5. Sôbre os desenganos	77
6. Sôbre os males da bondade	79
7. Sôbre a eterna alternativa das saudades e das esperanças	81
8. Ao rio Capivari	83
9. A Bocage, sôbre o soneto que fez "encarecendo a dificuldade de conciliar em Gôa a amizade de seus naturaes"	85
10. Sôbre certas saudades de velhas saudades	87
11. A um jóven muito bom	89
12. Em que se considera a vida como semelhante á lavra da terra	91
13. Estando o Autor em sua terra natal	93
14. A minha familia	95
15. Sôbre uns versos de Castro Alves	97
16. A uma cisterna abandonada	99
17. A um amigo, as flores e os espinhos do trato humano	101

18. Sôbre as aparências dos indivíduos	103
19. Em que se compara a vida a uma selva e a um jardim, juntamente	105
20. Sôbre a contínua mudança e flutuação do sentimento	107
21. Em que o Autor dirige a si mesmo várias interrogações sem resposta	109
22. Em meditação introspectiva	111
23. Continuando o mesmo assunto	113
24. Sobre a impenetrabilidade da nossa vida interior	115
25. Esforçando-se o Autor á contemplação universal das coisas	117
26. Sôbre as promessas da aurora	119
27. A um jovem poeta ambicioso	121
28. A uma senhorita elegante	123
29. Em consolação de um amigo amargurado	125
30. Sôbre o mesmo tema do precedente	127





Os antigos gregos e romanos, em épocas de simplicidade heroica, fabricavam humildes lampadas de argila, de cobre ou de pedra, deitavam-lhes um pouco de azeite das olivas domésticas, rudemente espremidas, — e tinham boa luz para seus lares. Luz discreta, cujos vasquejos faziam dançar longas sombras pelas traves grossas do tecto, e com as sombras os anseios e os sonhos torturantes e salutaes do Mistério, da Dôr e da Morte. Isto que aqui vai é uma dessas velhas lampadas toscas, nutrida porém do bom óleo antigo e eterno das graves e fortes preocupações humanas.

Não há neste livrinho nenhuma concepção nova, e este é de seus defeitos o que mais me agrada. As ideias boas são as que podem ser pensadas por todos os espíritos bem feitos, em qualquer época ou lugar.

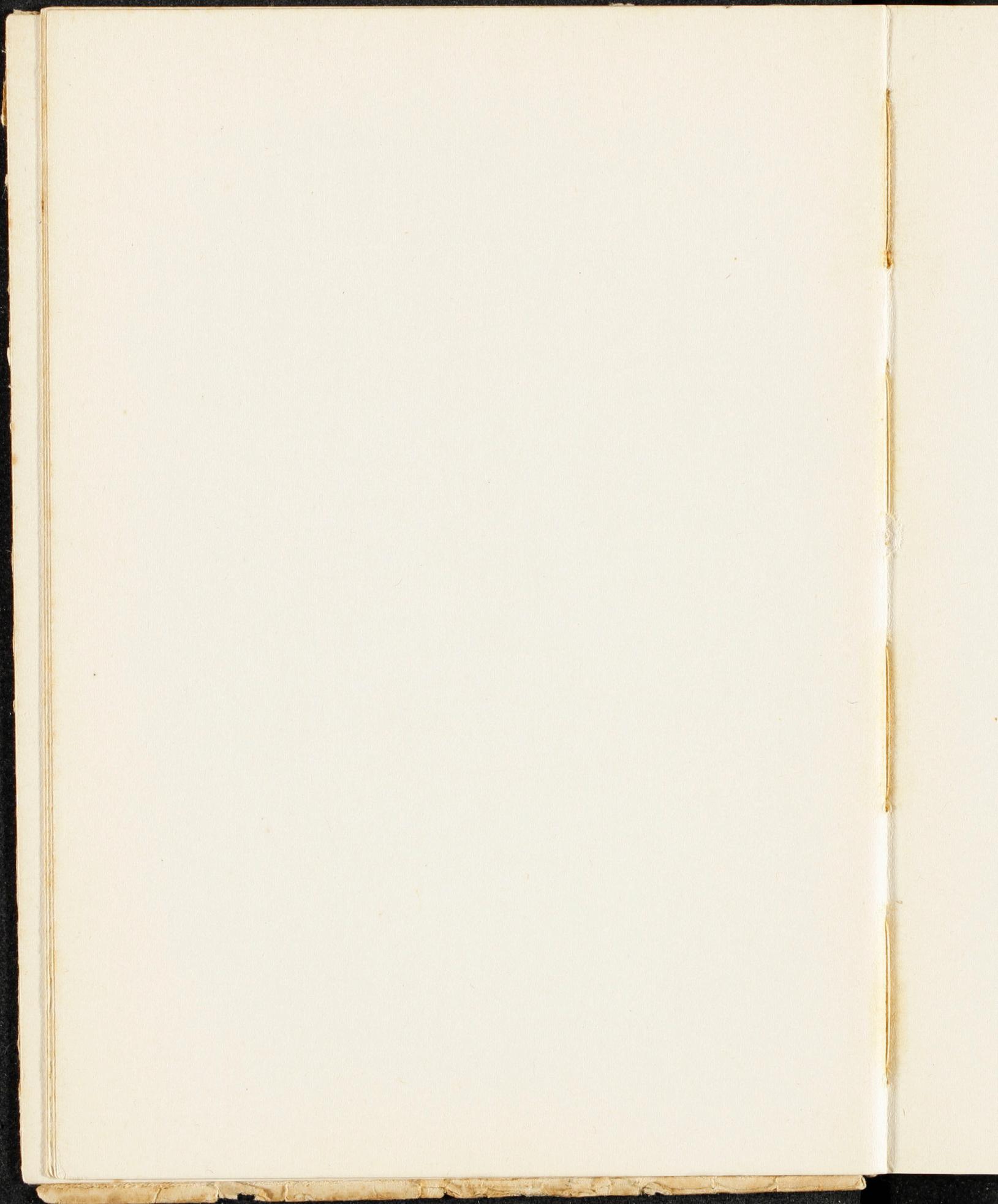
Não há também nenhum merecimento poético, nem artístico: são sonetos de barro mal amassado.

Eu poderia sustentar que a poesia está sobretudo num certo estado eufórico, exaltado e contemplativo da alma, em que todas as potências e movimentos dela se harmonizam para produzir uma pura flôr de emoção, ou de sonho, ou de pensamento; não reside tanto na expressão passageira e precária. Mas isto seria embrenhar-me e embrenhar o leitor pela selva das teorias; e, o que é pior, seria vir eu pleitear **pro domo mea**, fingindo defender simplesmente uma tése.

Não, aqui não há poesia; há versos, ou apenas frases métricas, — contendo nada mais que uma lenta aspiração á poesia, aspiração apagada e pesada, mas fervorosa e sincera.

I

CARTA DE GUIA
DE MEUS FILHOS



I — A LEI DO AMOR

1. — *MEUS FILHOS*

Ave canora, lépida Maria;
Ziza, serena flôr de meu rosal;
Yola, anfora de graça e de alegria;
Dedeu, meu bom rapaz, doce e leal:

por vós descubro em mim nova poesia,
um senso religioso amplo e jovial;
e, árvore, canto em vós, ó ramaria,
que outra não vejo pelo mundo igual.

Algo, certo, deveis-me, como devo,
como deveis a vossa Mãe robusta;
mas eu vos devo maior sôma. Olhai:

vós influís-me um precioso enlêvo,
e o bem de achar a sorte sempre justa,
e o suave orgulho de ser vosso pai.

2. — *NOSSA FAMILIA*

A rama não trebelha ao sol nem canta,
se a bom tronco amparada não está.
Mas como há de viver a forte planta,
sem o alimento que lhe vem de lá?

A torrente vital, que se levanta,
abaixo torna; e quando assim não vá,
a morte, numa rapidez que espanta,
das folhas ás raízes rolará.

Amai, pois, Pai e Mãe, a dúplice haste
que vos sustenta e sustentais, e ainda
os velhos troncos de que fomos flôr.

Assim nós amaremos sem contraste
a vossa floração — e será infinda
esta corrente secular de amor.

3. — OS AMIGOS

Amando a vossos Pais e amando a quantos
põe o sangue mais próximos de nós,
amai tambem a todos que os encantos
teçam do affecto em derredor de vós.

Como outrora, ao tear, teciam mantos,
com incansável mão, nossas avós,
sem pensar, muita vez, entre seus cantos,
quem ficaria com tal prenda após,

assim tecei a trama da amizade,
com ternura, com graça, com piedade,
só pela glória de tão bem tecer.

E é gostoso cuidar, tecendo, nisto
— que um dia alguém, que já nos é bem-quisto,
nessa teia de amor se há de envolver.

4. — OS INDIFERENTES

Não desejeis amar a toda a gente
com o mesmo affecto, o mesmo doce ardor:
seria um êrro mau, e êsse êrro ingente
um manancial de humilhações e dôr.

Dai aos vossos amigos, pontualmente,
tudo o que tendes de mais fino: a flôr
do vosso coração, a chama ardente,
sem fumo nem carvões, do vosso amor.

Sejam, no mundo tôrvo, um claro mundo,
vossa ilha graciosa em mar profundo,
nêste da vida revoltoso mar;

ilha aonde, batidos de procelas,
vireis confiantes reparar as velas
e em pôrto sem insídias ancorar.

5. — O *PRO'XIMO*

Ora, porém, vos digo: a toda a gente amai. Há, para tanto, um outro amor, menos pronto e vivaz, menos ardente, mas de mais puro e espiritual sabor.

Não o andeis amostrando, como o crente ostenta ás multidões o seu fervor.

Viva esta chama em vós ocultamente, como a luz de uma lampada interior.

Amai ao vosso próximo. Carrega,
como nós, a paixão, víbora cega;
filho e escravo da dor, é nosso irmão.

Vai, como todos nós, — pó levantado,
na asa do mesmo vento arrebatado,
mais perto, ou mais além do mesmo chão...

6. — *A HUMANIDADE*

Amai a Humanidade. Á sua beira,
amem outros paisagens, amem cães.
amem palavras, que há muita maneira
de repartir e espediçar os pães.

Amai a Humanidade, a silva inteira,
hordas, santos, escravos, capitães.
Vêde, há mais de uma esplêndida clareira:
a fôrça dos Herois, a alma das Mães...

A Ela devemos quanto somos. Ela
várias correntes de ideal revela:
toca-vos escolher, como escolhi.

A Ela só, que me nutre o pensamento,
devo o poder-vos dar neste momento
a flor dos espinhais onde sofri.

7. — O AMOR

Só pelo amor a triste Humanidade
(se algum dia terá de se remir)
redimida será. E, na verdade,
outro caminho não se lhe há de abrir:

— o amor diante da vaga Imensidade
muda, assombrosa, as gentes a reunir,
como em ruína, que uma cheia invade,
se ajuntam passarinhos a fremir.

Ai! êsse amor virá. Quando? Quando o homer
aprender que as torturas, que o consomem,
só dêle vem, só êle as deterá.

Mas para quando essa formosa aurora?
Tenhamos fé que há de raiar, — embora
a treva sempre se adensando vá.

II — A LEI DA HUMILDADE

8. — *CRIME E VIRTUDE*

Aqui, meus filhos, bem pertinho. Ouvi-me.
Lá fora estúa o mundo, e vós o olhais
como assiste a espectáculo sublime
quem só tem visto os seus rincões natais.

Tolhei, porêm, vossa impaciência. O Crime
orvalha êsses jardins que namorais;
dá-lhe o sol, a distancia ajuda, e imprime
por tudo vãs lucilações iriais.

A Virtude não brilha; que a Virtude
é um ar que se não vê, mas se apresenta
por toda a parte, leve, a circular.

Este ar mantêm toda essa vida rude,
que, embora ela não sinta, êle sustenta,
pois não há vida onde falece o ar.

9. — *INIMIGOS INSEPARAVEIS*

Tudo o que é bom e mau, quem o elabora
é a Humanidade, entre aflições; assim,
como formou Abel, que o ceu exora,
lançou, gemendo, ao mesmo sol, Caim.

A fraterna porfia, lá por fora,
segue, e sempre há de prosseguir, sem fim.
Mas, ouvi, se eu escuto Abel que chora,
tambem lhe escuto o irmão, rugindo, em mim.

A guerra que arde o mundo, a forte guerra
que, cotidianamente, inflama a terra,
é a mesma em cada ser doce ou rebel;

aí, também, num campo de batalha,
um conflito sem tréguas se baralha,
e... ai! nem sempre é vitorioso Abel!

10. — *MAIOR A LUZ, MAIOR A SOMBRA*

Contemplai, meditando, a vaga humana
que da caverna até o palácio vem,
corrida sempre da alcateia insana
de instintos brutos, que se não detêm.

Vêde lá que Ela não se desengana,
em tanto mal, de andar buscando o bem,
— luz que do próprio ser, viva, lhe emana
e que Ela propria arroja para além.

Vêde como essa luz projecta a sombra
que os caminantes impacienta e assombra,
que os enche de ansia e de pavor mortal,

sem que êles pensem, quando a sombra avulta,
que ela do mesmo sonho audaz resulta,
e que, enquanto houver bem, haverá mal.

11. — *BEM E MAL*

Sim, sim, Culpa e Virtude (se os extremos pômos de parte, como é justo) não se assemelham a plantas que elegemos para um canteiro, com segura mão.

Uma como outra, embora as sopitemos, viçam, hão de viçar, em nós. E são, pelo curso da vida, quais dois remos, que sempre as águas retalhando vão.

A serpente de côr vivaz e mixta,
se nos empesta o sangue, afaga a vista
com belas espirais e ondulações...

E há requintes de amor e de nobreza
florindo, como á lei da natureza,
na alma triste e revôlta dos ladrões.

12. — *HUMILDES, ISTO E', LÚCIDOS*

Sêde, pois, bem humildes e discretos.
Não olheis ao pecado como soi
a parva hipocrisia, a dar-se aspectos
de quem de um caso original se doi.

Há uma alma universal, filhos dilectos.
E' uma água que alimenta e que destroi;
aqui se alarga nos açudes quietos,
alêm, cristal fervente, as pedras roi.

Vontades belas, traças hediondas
brotam das mesmas inconstantes ondas,
como a espuma e a salsúgem das marés.

E o santo, que fulgura, está mais rente
do condenado que a mediana gente...
Ambos rompem caminho de revés.

III — A LEI DA PACIÊNCIA

13. — *PACIÊNCIA E' FORÇA*

Sêde pacientes, filhos. A consciência é a flôr do ser; a escarpa de cristal que vamos a subir; a confluência de quanto nos extrema do animal.

Sem ela, a alma seria uma demência trapejando na treva universal. Dai-lhe o claro broquel da paciência, com que ela nos defenda, embora mal.

Falte a paciência, e aquela flôr se estiola;
rolamos pela escarpa, como rola
a onda que no assalto se desfaz,

e vivemos assim — ondas errantes,
bamboando atropeladas, ululantes,
sem um momento de firmeza e paz.

14. — *A FONTE OCLUSA*

Ouvis dizer que em todo ser persiste
um troglodita cúpido e mendaz;
que a máscara do amor serena e triste
á lufada mais leve se desfaz.

Talvez. Mas, dentro em cada ser existe,
ao mesmo tempo, um manancial de paz,
a cujos borbotões a alma resiste
e que a alma esconde, e silencioso jaz.

Não temos a coragem rija e rara
de dar asas ao mal; e a mão avara
nega á linfa vital toda a expansão,

— porque a turba sedenta essa água apanha
e, mal enxuto o lábio que ela banha,
diz que a fonte bendita é uma ilusão!

15. — *NEC MERGITUR*

A sorte, muita vez, é bem amarga.
Vai-se, corrente abaixo, sem sentir,
e eis, de repente, o passo nos embarga
um cachão de água brava a refluir.

Eis a piroga a corcovar deilharga,
a vela a estremecer, a ir, a vir;
eis que rolou por água abaixo a carga,
eis a água pelas bordas a subir.

Mas, tenhamos paciência! Ao menos esta
não sossobre aos boleus da sorte infesta,
para todo o perdido recompor;

e, se o não recompõe, ao menos, diga:
— Raivai, águas! Raivai, sorte inimiga!
exijo inteiro o meu quinhão de dôr.

16. — *CORAÇÕES COMBURENTES*

Não raro, a sorte má se encaramuja
em humanas imagens; e, ai! então,
é de vêr por aí como escabuja
em raiva, em ódio, em sanha, pelo chão.

Mas a paciência a tudo sobrepuja.
Deixai passar o esquálido tufão.
Esse nada destroi, por mais que ruja,
além do mesmo iroso coração.

Ai, pobre coração, tocha com azas!
vais revoando e faiscando pelas casas,
mas o incêndio se extingue, ou nem pegou,

e tú caís, afinal, carbonizado,
com remorsos do lume dispersado,
com saudades da luz que se apagou!

17. — *BOM INIMIGO, BOA VINGANÇA*

Nada é inútil, no entanto: um inimigo não é o oposto do amigo que convêm; é, voltado do avêso, um bom amigo, e podemos até querer-lhe bem...

A amizade, alimento que bendigo, frequentemente a maus excessos vem, e põe, não raro, a gente como um figo, a arrebentar do miôlo que contêm.

O inimigo, ao contrário, rói e suga;
de humores doentes minha carne enxuga;
e, nessa eucaristia singular,

enquanto do meu ser êle se nutre,
vingo-me, em paz, do inofensivo abutre,
indo lá no seu sangue circular.

18. — *PALAVRAS, NEM SEMPRE AS LEVA
O VENTO*

Manda o costume devolver o insulto
com outro insulto igual, senão melhor.
Não procedais assim, que é baixo e estulto.
Temeis o mal? Pois evitai o pior.

Cada palavra que dizeis de vulto,
como o som de um violino anda em redor,
depois de vos revoar no ser oculto,
por onde a ressonancia a fez maior.

O violino, porém, não se recorda
do som que um dia lhe vibrou na corda,
e o vosso coração fica a fremir;

e, às vezes, a palavra, além, se esquece,
enquanto em vosso peito permanece,
como pedra que a um lago foi cair.

19. — *PACIÊNCIA E' CORAGEM*

Não confundais, em vosso itinerario,
medo triste e paciência varonil:
uma é o pássaro forte e procelário;
outro, a ovelha que bale em seu redil.

Nunca tomeis a quem vos fôr contrário
a arma que tente impôr, grotesca ou vil;
usai as proprias armas. De ordinário,
é a paciência a melhor, e a mais gentil.

Mais do que as outras, o inimigo excita:
julga que a gente com orgulho o evita;
julga que a gente o evita com terror,

e então lhe cresce na aima o ódio covarde,
e ei-lo que de seu ódio faz alarde,
sorrindo á luz, como um triunfador!

20. — *PACIÊNCIA E' DESPREZO*

A paciência não é, pois, quem fatiga
o alôr feroz da inimizade; que aos
seres de paz há muito quem persiga,
poucos se atrevem contra os bichos maus.

Rio não há, de face clara e amiga,
que não lha quebre o choque dos calhaus,
ou o pulo dos sapos que êle abriga
á beira silenciosa dos peraus.

Mas que importam emfim mesquinhas,
diante da morte, que nos conta os dias,
e da miséria universal do ser?

Desprezai-as! São gôtas... A torrente
das grandes amarguras de repente
cai sobre nós, para nos envolver!

IV. — A LEI DO TRABALHO

21. — *O MILHOR DO TRABALHO*

Trabalhai sempre e sempre. O bom trabalho
traz em si mesmo a recompensa fiel,
que é para as almas como um doce orvalho,
efeito bom de estenuação cruel.

Vêde as abelhas a ciciar no galho
da verde fronde que lhes faz dossel:
vem o agrícola, e em troca do agazalho
que essa rama lhes deu, carrega o mel...

Elas, porém, persistem na labuta.
A abelha não indaga, não escuta;
sabe apenas que a lei é não parar,

que um ócio vil é a maldição do enxame,
e o trabalho convêm que a gente o ame
por êste único bem — que é trabalhar.

22. — O TRABALHO, VIGIA DA ALMA

O trabalho, meninos, se assemelha,
em nossa vida, a sólido canal,
onde, em claro lençol que o ceu espelha,
frouxas correntes vem formar caudal.

Os sentidos doidejam; e, parelha,
a alma se espraia, sôlta, por seu mal.
Falta um leve pendor, falta uma quêlha...
E tudo se dispersa. E' o pantanal.

Mas o trabalho vem: tudo congrega;
faz da água desperdiçada água que rega,
que move engenhos e que adorna a paz.

Bendita seja, pois, a lei sublime,
que, ao passo que me rege e me comprime,
todo o meu ser sob meus olhos traz!

23. — *O TRABALHO, LIBERTADOR*

Operário e filósofo, Spinoza
lidou com as mãos e o cérebro alapar;
reparando u'a máquina mimosa.
a máquina do mundo ia a estudar.

Adejava-lhe a mão, meticulosa,
lá onde tinha preso o agudo olhar:
voava-lhe a mente na amplidão, á rosa
dos ventos sôlta, pássaro a voar.

E' que o trabalho é educador perfeito:
põe-nos o ser por um caminho estreito;
e de tantas passadas que lá faz,

fica êste ser mais livre do que nunca,
pois nenhuma surpresa a ideia trunca,
e ela consigo se conserva em paz.

V. — A LEI DA ENERGIA

24. — *SÊDE VÓS MESMOS*

Não julgueis, não! (isto merece nota)
que eu vos queira sem côr, temendo a luz,
como florinha que entre pedras brota
e que um pé descuidado a pó reduz.

Eu vos quero como a água que borbota
fresca sempre, e que canta, e que reluz,
e abre o próprio caminho, e, em sua rota,
só pelo próprio peso se conduz.

Um fiozinho de água é indestrutível:
ninguem fará que ela não busque o nível,
nada a fará parar, nem refluir.

Lá vai rolando ao sol, tranqüila e clara;
tal irá até o fim, que a água não pára,
enquanto o manancial não se extinguir.

25. — *ÁGUA EMPOÇADA, ÁGUA RUÍM*

Nem o alheio louvor, nem o convício
vos tolha em vosso curso natural:
a água empoçada sofre o sacrificio
de seu vigor dinamico e jovial.

Vêde o louvor que vos roçou propício,
como flor dos barrancos; e, tal qual,
vêde o mais como a lapa e o precipício,
que purificam, sem que façam mal.

A água viva não ama os accidentes,
que, bons ou maus, todos são maus, se pára,
e, bons ou maus, todos são bons, se flui.

Regei-vos por vós mesmos, persistentes!
A água liberta é a mais sadia e clara,
pois só a liberdade não polui.

VI. — A LEI DA ASCENÇÃO

26. — *LUCTAR CONSIGO*

Citreiros de outros tempos ao assalto
hábeis treinavam rápido falcão,
que, os olhos aguçando e o sobressalto
vencendo, voava, e retornava ao chão.

Fazei que a mente vôe, assim, para o alto,
mais alto, cada vez mais alto! Não
vive espírito aí de asas tão falto,
que não possa ampliar-se na amplidão.

Vôe! e agarre, do vôo nos relanços,
os grandes pensamentos fugidios,
as formosas e ariscas emoções,

e traga-os até vós nos seus alcanços,
frementes, a sangrar, aos arrepios,
como a presa remota dos falcões.

O D
E,
solu
e q

Poc
am
ven
toc

27. — *INTEGRAÇÃO*

O Mundo é um grão de pó sôlto no espaço.
E, nêsse grão de pó, que somos nós?
solução que se esvai, trememente e lasso,
e que nem sempre se transforma em voz!

Podeis, porém, sem custo nem cansaço,
ampliar-vos num surto alto e veloz,
vendo o Universo, num momento escasso,
todo o Infinito lampejando em vós.

Quando as plumas tenhais vós distendido,
— a asa do grande sonho gemebundo,
a asa do pensamento — e a alma subir,

gemido! podereis ser um gemido
dos próprios Tempos e do próprio Mundo,
na maldição radiosa do existir.

28. — *LIBERDADE, ATE' NA DOR*

Galgai, dia por dia, um pequenino
degrau da vossa própria exaltação.
Nunca vos rebeleis contra o destino.
E nunca praguejeis contra um irmão.

Só o silêncio e a paciência dão o tino
de evitar os desmanchos da ilusão.
Fazei como os bons mestres, que do ensino
colhem, certo, bem mais do que êles dão.

Não me digais: “A escharpa é muito longã,
e a vida curta.” A vida se prolonga
na alma dos que hão de vir, e em derredor.

Não me digais: “A escharpa é dolorosa.”
Não há vida sem dôr. Colmeia ansiosa,
melificai vós mesma a vossa dôr.

29. — *SERENIDADE*

Um dia encontrareis, sem dar por isso,
uma serenidade sem igual.

Então conhecereis a força e o viço
da alma, e a flor da piedade natural.

Vendo lá do alto o formigante abisso
onde se estorce o turbilhão terreal,
vereis que aí se apura o bem castiço,
como aí se empeçonha todo o mal.

E amareis em conjunto a Selva escura...
Dela vos vem, com as máguas e a tortura,
quanto de bom trazeis nos corações.

E sentireis, numa tristeza augusta,
que Ela se exalta dentro em vós, a custa
de infinitos de raivas e aflições...

19-25 de Set. 1922.

UM PUNHADO DE SONETOS



1
R

C
t
L
r

L
S
U
S

1. — *CONSIDERANDO O AUTOR, COM AS ASPE-
REZAS DO MUNDO, A INCONSTANCIA E INDIFE-
RENÇA DOS HOMENS*

Quem anda a semear ventos pela vida,
tempestades, por força, colherá.
Esta lição mil vezes repetida,
mil vezes repetida se ouvirá.

Mas eu nunca semeiei, na minha lida,
se não aquilo que em meu ser está:
um pouco de piedade comovida,
sem nenhuma tenção que fosse má;

rudes tormentas vieram dar comigo,
no entanto, uma após outra, nas estradas
êrmas por onde, silencioso, vim;

e quando procurei, tonto, um abrigo
nas outras almas, eu as vi fechadas
como torres de bronze, para mim!

3 Jan. 1920.

2. — *A UM MANANCIAL DE ÁGUA PURA*

No alto da escarpa, além, escorre e brilha
um leve, pequenino manancial:
é, entre rochas, uma fina estilha
de prata com sonidos de cristal.

Filha do môrro, a fonte, boa filha,
agarra-se teimosa ao chão natal,
á trama das raízes, á escumilha
das ervas, aos farpões do pedregal.

Doce água! Aquêlê que a tomasse á fonte,
após lenta ascensão por duro monte,
êsse a pudera bem julgar, em fim;

mas, não merece tanto esfôrço: escorre
abandonada, e no abandono morre...
— Dentro de nós há mananciais assim.

16 de Junho de 1921.

3. — *A ALGUNS AMIGOS QUE SE ESQUECERAM*

Eu tenho sido para muito amigo,
qual velho rancho á beira de uma estrada,
onde busca o viandante, á noite, abrigo,
e de onde parte pela madrugada.

Parte. O sol o protege. A caminhada
é suave. Nem mais sombra de perigo.
Canta. E nem olha para trás. E nada
leva das horas que passou comigo.

Mas que se há de levar de um pouso aberto?
Ei-lo que se escancara no deserto:
entra-se; faz-se fogo; arma-se o ninho;

e lá se deixa, quando a noite passa,
um bocado de cinza e de fumaça,
dentro do rancho á beira do caminho.

16 de Junho 1921.

4. — *Á LUA*

Quero-lhe bem. Ei-la peregrinando
além, além, no vasto céu, tão só,
tão branca e triste, entre o doirado pó
que seus passos ao azul vão levantando.

Quero-lhe bem. Na minha infancia, quando
a olhava, triste e silenciosa avó,
não sei por que razão, sentia dó
de a vêr tão solitária, além, rezando.

E' que uma obscura relação já havia
entre minha alma quieta e a lua fria,
entre a minha tristeza e o seu clarão.

De lá vieram os sonhos de minha alma,
esta revolta estrangulada e calma,
êste amor e êste horror da solidão.

17 de Junho 1921.

5. — *SÔBRE OS DESENGANOS*

Desenganos da vida! Se eu ouvia
falar, outrora, nos seus negros danos,
enfadado exclamava: “Ora! mania,
que a muitos vem com o desfiar dos anos!”

A minha nau, porêm, abrindo os panos,
lançou-se ao largo mar com galhardia.
E logo pude vêr que os desenganos
são mais crueis do que eu pensei um dia.

Hoje, as lamentações, que ouvi outrora
com profano desdem, causam-me espanto:
o humano coração bem pouco chora!

Quão fracamente seu queixume exala!
quanto resiste, em seu calvário! E quanto
é desgraçado, porque não estala!

26 de Junho 1921.

6. — *SÔBRE OS MALES DA BONDADE*

Quando menino, ouvi frequentemente
que homens duros e pérfidos havia,
dos quais devêra ser tão diferente
quanto da noite é diferente o dia.

Entrei na Vida como quem, trememente,
fosse escalando horrenda serrania...
Quanta vez invejei a bota ingente
com que o Pequeno Polegar fugia!

Jamais, porém, vi monstros a meu lado.
Torturas e aflições — messe infinita —
só almas bem maviosas me tem dado.

— Oh Vida, quanto da Ilusão destôas!
Talvez tú fosses muito mais bonita,
se não houvesse tantas almas boas...

26 de Junho 1921.

7. — *SÔBRE A ETERNA ALTERNATIVA DAS
SAUDADES E DAS ESPERANÇAS*

A vida é uma caudal, em cujo fio
deslisa a gente, mais do que navega.
Vamos olhando o ceu claro ou sombrio,
as margens a fugir, a onda que as rega.

Em mil aspectos a atenção se emprega.
— Lá surge um verde bosque, um caule esguio.
Duplo abano de palmas se desprega
no azul dos ares e no azul do rio.

Vai passando. Passou. Como, tristonho,
agora, o leque ao longe se balança!
O quadro visto já parece um sonho!

E é sempre, é sempre assim, em toda idade.
Surge em nosso caminho uma Esperança?
Que linda! olhai!... Passou. E' uma Saudade.

28 de Junho 1921.

8. — *AO RIO CAPIVARI*

Velho Capivari, quanto mudaste!
Tinhas outrora tanta força e brio,
tão lento agora vais, e tão macio,
por entre o mato que te forma engaste.

Quem te mudou assim? Que rude estio,
que castigo do ceu fez o contraste?
Parece que em riacho te trocaste,
depois de seres caudaloso rio.

Mas... tú terás mudado, ou eu me engano?
Vi-te com vista de menino outrora;
e quanto errava o olhar com que te vi!

Se eu olhava o futuro — era um oceano;
e o tempo, e tudo que lá vai, agora,
inda é menos que tú, Capivari!

28 de Junho 1921.

9. — *A BOCAGE, SÔBRE O SONETO QUE FEZ
“ENCARECENDO A DIFICULDADE DE CONCI-
LIAR EM GÔA A AMIZADE DE SEUS
NATURAIS”.*

Tú te queixas, Elmano, de que em Gôa
a afeição dos nativos se te fecha.
Lanças de teu carinho a fina frecha,
e a ave bruta, arripiada, salta e vôa.

Não te queixes, porêm, de outra pessôa;
vem de ti próprio o mal que hoje te vexa:
de teu cabêlo na revôlta mecha
trazes uma divina atroz corôa.

Se um histrião tú fosses da Amizade,
terias, pobre Poeta, o que desejas,
e, mais que o teu desejo, a saciedade.

Mas tal como és, ó alma tumultuária!
nada de estranho encontro em que tú sejas,
na India trevosa desta Vida... um pária.

Junho 1921.

10. — *SÔBRE CERTAS SAUDADES DE VELHAS
SAUDADES*

Passa uma vela branca no horizonte.
Que saudade exquisita, ó vela errante!
Quantas vezes um sonho semelhante,
na meninice, me alumiou a fronte!

Muita vez me quedei, saudoso, diante
de uma folha a cair ou de uma fonte,
do rio que rolava sob a ponte,
do fumo sôlto de um casal distante.

Vendo-te agora, ó nau! tenho saudade
da infância, da ilusão, da ingenuidade,
e de cem outras coisas, entre as quais

essas próprias saudades que eu sentia,
tão vagas! talvez sombra fugidia
de remotas saudades ancestrais.

3 de Julho 1921.

E'
o
E
pe

E
qu
ná
al

11. — *A UM JÓVEM MUITO BOM*

E' preciso ser bom. Eis, na verdade,
o mais formoso dos ideais humanos.
Eis o caminho da felicidade
pela escura floresta dos enganos.

E' preciso ser bom, — não da bondade
que aí se vê sob europeis insanos;
não dessa que apregôam na cidade
alguns tafuis, como quem merca panos;

não dessa que, em melação diluída,
vai gemer ao teatro, e cá na vida
transtorna alheios corações, e caras...

Mas, enquanto o gentio não começa,
tú reúne á pena de ser bom, mais essa
de o não poderes ser quanto almejaras!

5 de Julho 1921.

12. — *EM QUE SE CONSIDERA A VIDA COMO
SEMELHANTE A' LAVRA DA TERRA.*

A terra é dura; o sol é bravo; a geada,
destruidora; aves más e más formigas
assolam tudo, e a planta acarinhada
mal resiste a essas forças inimigas.

Que importa! Lavra sempre. Não maldigas
a terra ingrata. Não maldigas nada.
Talvez um dia o preço das fadigas
brote do sulco da robusta enxada.

Mas, quanto mais a terra é ingrata, e bravo
o sol, e as aves são crueis, e o resto,
mais valor mostrarás em continuar.

Que é gentileza não viver escravo
de ganancia, e plantar só pelo gesto
religioso e sereno de plantar.

27 de Nov. 1921.

Ei
tãc
Re
m
Te
em
So
de

13. — *ESTANDO O AUTOR EM SUA TERRA*
NATAL

Eis-me na minha velha terreola,
tão clara, tão singela, tão pequena!
Revivo a meninice. E' a mesma scena:
minha casa, o jardim, o teatro, a escola.

Todo o passado se me desenrola
em tórno, e tudo, como foi, se ordena.
Sorrio, infante de rendada gola,
de cabelo doirado e alma serena.

Mas, quem sabe se o tempo que suponho
morto, ainda é presente? se a amargura
de o sentir findo não é mais que um sonho?

E, absorto, penso ouvir, pela janela,
a voz de minha mãe que me procura,
para saber se estou bem perto dela...

1921.

Qua
seu
—
res

vê-
que
ver
um

14. — *A MINHA FAMILIA*

Quando a enchente brutal rola tranqüila
seus despojos funestos, lentamente,
— ninhos vazios, galharada em fila,
restos de rancho, embarcações sem gente, —

vê-se, às vezes, arfando na corrente,
que, sob o sol, como o alto ceu se anila,
verde ramada, onde a bailar contente
uma tribo de pássaros pipila.

Tal arrastando vou, fronde tombada,
noutra enchente amaríssima e calada,
um bando de aves que gorgéia ao leu;

e tal é meu flutuante paraíso,
que me esqueço do abismo em que desliso,
só vendo, abaixo como acima, o ceu.

1921.

15.— *SÔBRE UNS VERSOS DE CASTRO ALVES*

O Génio é como Ahasverus — solitário —
A marchar, a marchar no itinerário
Sem termo do existir.

Nem só ao Genio Ahasverus se parece.
Quanta pobre alma, como o hebreu lendário,
não vinga um doloroso itinerário
onde nem broto de ilusão floresce!

Ei-la aí vai, aí vai... Quem a conhece?
quem sondou nunca êsse profundo estuário?
A êsse abismo, talvez extraordinário,
Aladino com a lampada não desce.

No entanto, se a lobrigam nas estradas,
as outras almas fogem-lhe de perto,
cautelosas, trementes, assustadas,

e, apontando a infeliz que alêm caminha,
dizem: — Olhai... vai sempre só... De certo,
não é por boa que anda assim sòzinha!

1921.

16. — A *UMA CISTERNA ABANDONADA*

Outrora, em tórno da cisterna (afago-a
na memória qual foi) havia scenas
de amor e de alegria, ora serenas,
ora em tumulto, entre espadanas de água.

Tua alma flúida, ao sol, era uma frágua!
Tuas lágeas em roda eram pequenas
para a turba em vai-vem. Mas hoje, apenas
te cerca a solidão, te ensombra a mágua.

Ténue resto de linfa tens no centro.
Morres! Lançam-te pedras para o fundo.
Cresce-te em roda o mato ameaçador.

E o pingo de água inda reluz lá dentro...
— Quanta bondade oculta neste mundo!
Quanta fereza e ingratidão, Senhor!

1921.

17. — *A UM AMIGO, SÔBRE AS FLORES E OS
ESPINHOS DO TRATO HUMANO*

Sim, nem tudo é aspereza e feridade:
algo existe de bom por entre as dores.
Os espinhos são muitos, em verdade,
mas entre espinhos resplandecem flores.

Quanta flor de ternura e de bondade
— mimos, finezas, atenções, amores...
O delicioso esmalte nos persuade
que o sol da Vida é também pai das cores.

Sim, nem tudo é aspereza... Mas, cuidado!
Contempla, aspira, goza, e passa adiante;
deixa essas flores esmaltando o prado:

tem espinhos crueis no talo forte,
cada espinho é uma farpa fulgurante,
cada arranhão faz desejar a morte.

1921.

18. — *SÔBRE AS APARÊNCIAS DOS INDIVÍDUOS*

Uma noite, a vagar entre a neblina,
enxergo um vulto sobranceiro e nobre,
que de um gabão romantico se cobre
e sob um largo fêltro a testa empina.

Nem a chuva a cair faz que se dobre,
nem á rajada mais cruel se inclina.
Avanço; e, no halo de um lampião de esquina,
vejo de perto o meu fidalgo: é um pobre...

Dou-lhe uma esmola e sigo. Continúa
pisando a lama parda o Cavaleiro,
na praça morta, sob o céu sem lua...

E eis como um triste, amargurado e esquivo,
com um pouco de distancia e de nevoeiro,
pode passar por um fidalgo altivo.

1921.

19. — *EM QUE SE COMPARA A VIDA A UMA
SELVA E A UM JARDIM, JUNTAMENTE*

A Vida (sim, ó Dante!) é selva ingrata,
onde a liana vil com o roble alterna,
onde a escarpa fragosa o sol refrata
e a noite se adormenta na caverna.

Mas é também jardim, que se dilata
por entre o silveiral, onde se interna,
rebentando os tentáculos da mata
que o enliça e trunca, vencedora eterna.

Quanta vez o paciente jardineiro,
da cova onde esperou mais lindas flores,
colhe infame tortulho, híspida relva!

Quanta vez o rosal alviçareiro,
morto aqui, vai além sorrir nas côres
com que espumeja um carcavão da selva!

13 Set. 1922.

20. — *SÔBRE A CONTÍNUA MUDANÇA E
FLUTUAÇÃO DO SENTIMENTO*

Aquela núvem lá, que o sol abrasa,
singra o lago do ceu como galera;
tem contôrnos de pássaro e de fera;
ora me lembra um monte, ora uma casa.

Quer meu sonho seguir a nau-quimera,
como a garça erradia as ondas rása,
e eis que ela estende ao vento uma grande asa,
e se muda em dragão, que além me espera.

Assim, em nós, o sentimento. Viste
êsse ódio que rugia? — Vêde, ao lado,
no mesmo seio, essa piedade triste.

Eis um monstro revel, que se alça, em frente!
E ei-lo já se retrai, aniquilado,
brando como um bebê convalescente.

14 de Set. 1922.

21. — *EM QUE O AUTOR DIRIGE A SI MESMO
VÁRIAS INTERROGAÇÕES SEM RESPOSTA*

Porque a selva se agita, porque anseia,
embora o sol, acariciante, caia?

Porque a vaga do mar, que além se alteia,
vem tão dorida esmorecer na praia?

Porque o fumo que sobe, e no alto ondeia,
tem langores de vida que desmaia?

Porque o rio, que vai arfando em cheia,
com tal dolência e lassidão se espraia?

Porque o vento revôa gemebundo?
Porque a ave, lá no azul, flutuando calma,
faz um gesto de adeus lento, profundo?

Porque a palmeira, que se exalta e esquece,
move tão merencória a longa palma?
Porque a própria alegria me entristece?...

15 de Set. 1922.

Do
lon
Es
bal

Ac
ás
A l
ver

22. — *EM MEDITAÇÃO INTROSPECTIVA*

Do fundo de meu ser, num arremêso
longo, parte uma voz turva e fremente.
Escuto-a já bramir, quando, em começo,
balbuciava uma prece, lentamente.

Acendo o lume da Razão, e desço
às cavernas profundas do Inconsciente.
A luz vacila e fuma; eu estremeço,
vendo só treva acumulada em frente.

Clamo, interrogo... Em vão. Silêncio em tudo.
Aos poucos, num luar distante, agora,
rondam vultos de sonho e de pecado.

E aflita, o colo branco a arfar desnudo,
uma princeza acorrentada chora
junto a um fôsko antropóide acorrentado.

16 de Set. 1922.

Me
qu
sol
qu

Viz
um
pre
dês

23. — *CONTINUANDO O MESMO ASSUNTO*

Mentis, vós que dizeis a cada instante
que um bruto solitário em nós demora,
sob a leve aparência lucilante
que tanto engana a quem nos vê por fora.

Vizinha ao tôrvo rábido gigante,
uma donzela enternecida chora,
presa igualmente a uma cadeia, diante
dêsse bruto encadeado que a ignora.

Tambem ela procura a luz e a vida.
Se o outro berra minaz, ela, dorida,
flébil suspiro entrecortado solta;

e tambem, sem socôrro que lhe valha,
tenta mover as pedras da muralha,
que toda a gente lhe está pondo em volta.

16 de Set. 1922.

M
qu
co
da

N
ne
T
al

24. — *SÔBRE A IMPENETRABILIDADE DA
NOSSA VIDA INTERIOR*

Miseros vermes, há vontades fúteis
que, loucas, tentam despojar uma alma,
com vãs palavras, negações inúteis,
das plumas que ela, quando o quer, espalma.

Nada a aprisiona, esteja ansiosa ou calma,
nem lhe toca as roupagens inconsúteis.
Triste, arfa leve como verde palma;
alegre, sobe ao ceu nas asas dúteis.

A pedra mais pesada não consegue
deter-lhe a pulsação do peito de ave,
retardar-lhe o mais brando movimento;

e nenhum golpe a atinge, quando segue,
por vários rumos do quadrante, o suave
giro veloz de um belo pensamento.

17 Set. 1922.

25. — *ESFORÇANDO-SE O AUTOR A' CONTEM-
PLAÇÃO UNIVERSAL DAS COISAS*

Alma, v^ôa, rev^ôa! Alça-te, leve,
como pluma que ao vento vaga á t^ôa;
sobe como fumaça que se eleve,
desce qual folha que tombou... Rev^ôa.

Vai. De ti mesma as amplidões pov^ôa.
O espaço é enorme, só a vida é breve.
Canta na voz do vento que ress^ôa,
gira no giro que o alto ceu descreve.

Quando tudo tiveres percorrido,
ébria de dôr, de sonho e de distancia,
tudo, ainda uma vez, percorrerás.

Vai. Cada instante que tú tens perdido
é falha irreparável de uma estancia
num grande poema que não mais lerás.

17 Set. 1922.

26. — *SÔBRE AS PROMESSAS DA AURORA*

...l'affreuse aurore...

A. de Vigny.

A triste aurora aí vem. Frota sangrenta,
surge no levantino ancoradouro,
junto a um pardo bulcão, serra pedrenta
onde há um jôrro fluvial de lavas de ouro.

Despindo a treva e a bruma, a terra, lenta,
se abre em scintilações como um tesouro.
Brilha a cachoeira, e enquanto o dia aumenta,
vai abafando seu sinistro estouro.

Agora estruge a vida, outra cachoeira.
O moínho mói o grão, flagela as águas.
Gemem no arado os bois, aos tropeções...

Homens! são mais dôze horas de canseira!
mais dôze horas de lutas e de máguas,
dôze horas de ansias e lacerações!

18 de Set. 1922.

27. — A UM JÓVEM POETA AMBICIOSO

Quanta vez, quanta vez, ó nauta ousado,
julgas pequena e pobre a tua ilha,
e anseias, doido, pelo instante asado
de abrir o largo mar com forte quilha.

Querido poeta... Nos teus olhos brilha
o alto ceu tantas vezes contemplado,
e a febre de voar, e a maravilha
de remoto arquipélago sonhado.

E' belo ousar esplêndidas doidices!
andar ventos e raios provocando,
por mares onde a sorte nos conduz;

mas, quão melhor seria não partisses!
não visses mais do que esse ilheu, fechando
os olhos onde os despregaste á luz!

1922.

28. — *A UMA SENHORITA ELEGANTE*

Toda em seda e cambraias ondulando,
complicado o cabelo, a tez pintada,
Mariquita aí vai, leve, aspirando
uma rosa de pano amarfanhada.

Senta-se a um canto do salão, calada;
olha os bicos dos pés de quando em quando.
Apoia o queixo branco á mão rosada,
onde há cinco espelinhos rebrilhando.

Vejo-a de longe. Seus vestidos baços
põem na penumbra um fumo azul de pintas,
em tórno ao colo branco, aos doces braços.

E' uma tela incompleta. Que ventura!
Não ser mais que um acúmulo de tintas
na surdina feliz de uma pintura!

1922.

29. — *EM CONSOLAÇÃO DE UM AMIGO*
AMARGURADO

Sofres? Bendize o espiritual conflito
que hoje a alma te retorce e dilacera;
e o que outrora te poz ansioso e aflito;
e o que, nos dias que aí vem, te espera.

Acolhe as dôres como o chão bendito
recebe os brotos pela primavera.
No silêncio do espírito contrito,
alto mistério germinal se opera.

Só num largo silêncio a dôr descansa.
Aí só se embeleza e se depura,
a arder como brazido em noite mansa;

e então — fumo subindo no ar sem vento —
dela se arranca para a imensa altura
um alado e tranqüilo pensamento.

1922.

30. — *SÔBRE O MESMO TEMA DO PRECEDENTE*

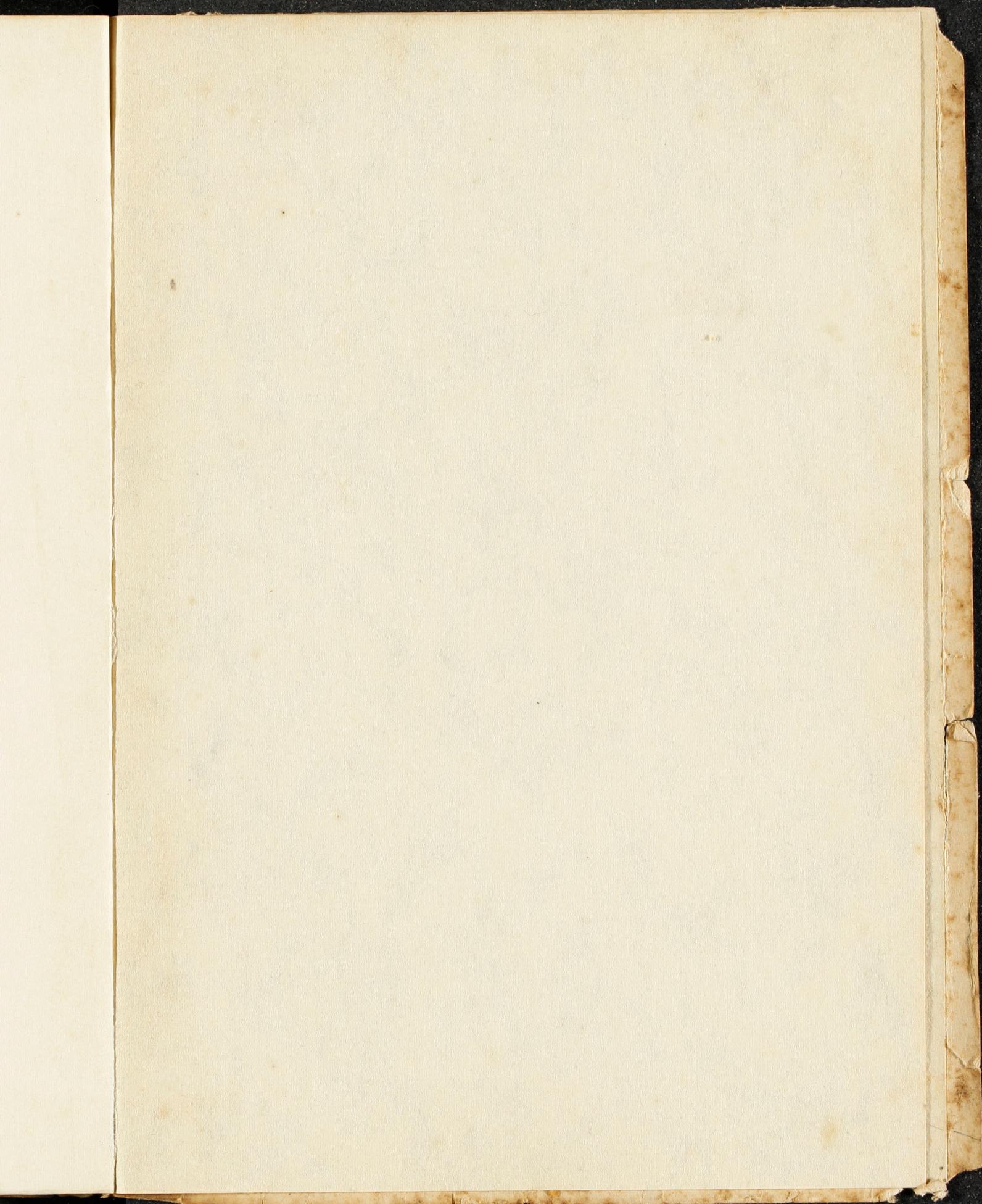
O Silêncio é uma ermida branquejante
no alto de escura anfratuosa serra.
Parece triste a quem o vê distante,
e a ascensão, de tão dura, nos aterra.

Deixa, porê, se força tens bastante,
o Vale do Rumor, que nos encerra,
galga a escarpa, não temas, vai adiante,
e vê lá do alto rastejar a terra.

Uma vaga vertigem te domina;
mas passa. E exultas como a fronde alada,
com a Vida imensa, lá no alto, a sós.

Olhas, e julgas ter nova retina;
falas, e tremes ante a inesperada
repercussão da tua própria voz.

Junho 1922.



1111
E

